

BOLETIM FNU/CNE: TRABALHADOR EM DEFESA DO SEU EMPREGO

A FNU - Federação Nacional dos Urbanitários, juntamente com o CNE - Coletivo Nacional dos Eletricitários e outras entidades de representação dos trabalhadores, divulgou um boletim que versa sobre a situação atual da Eletrobras e das ameaças que rondam os trabalhadores e trabalhadoras da empresa.

Mantendo o tom, o Sindinorte divulgou duas notas intituladas: A desestruturação da Eletrobras, I e II, que seguem a mesma linha de denúncia e alerta presentes no informe AEEL 120/16 de 9 de novembro.

Abaixo, as respectivas publicações.



NENHUM DIREITO A MENOS!

Uma representação forte se faz com associados unidos e mobilizados!

UNAM-SE A NÓS NA LUTA PELOS NOSSOS DIREITOS, ASSOCIE-SE: [ficha de inscrição](#)

**A Diretoria, em 23 de novembro de 2016.
Associação dos Empregados da Eletrobras – AEEL**





É HORA DO TRABALHADOR DO SISTEMA ELETROBRAS SE MOBILIZAR EM DEFESA DO SEU EMPREGO

O Sistema Eletrobras teve sua fundação pensada e criada por brasileiros como Getúlio Vargas e João Goulart, que tinham a certeza que uma nação forte necessitava ter resguardada sua soberania energética. Hoje, a conjuntura mudou radicalmente, temos um Governo fraco, colocado no poder pelas elites mais atrasadas do país, com as mesmas características que derrubaram o projeto nacional desenvolvimentista da era Vargas e de Jango. O resultado desse retrocesso no Sistema Eletrobras é o clima de total instabilidade vivido pelos trabalhadores do Sistema Eletrobras, com ameaças de demissões, aumento da participação da iniciativa privada em todas as áreas, por meio de transferência de ativos, ou seja, a retomada forte do processo de privatização. Pela primeira vez, a Eletrobras está sendo dirigida pelo mercado financeiro. Wilson Pinto é o expoente dessa elite. De fala mansa, com apresentações bonitas, cheias de metodologia de impacto, criou a falsa impressão que a chamada reestruturação só atingirá os trabalhadores aposentados ou aposentáveis. Trata-se de um engodo, pois o processo em curso virá como uma onda bem forte, primeiro atingirá os primeiros alvos, logo em seguida avançará rapidamente para novos locais, até alcançar os pontos mais distantes, que se consideram inatingíveis. A estratégia do Presidente Pinto é alcançar a todos, até porque o julgamento do PL das terceirizações já está no STF para ajudar o serviço.

Ninguém está salvo da reestruturação do presidente Wilson Pinto, ele tem receita para tudo. Se tiver mais de 50 anos tem os PDVs e PDIs. Se for da área administrativa tem o CSC (Centro de Serviço Compartilhado), onde o piloto será no Rio de Janeiro, e vai unificar todos os serviços. Caso seja da área técnica tem o telecomando e por fim se atuar na enge-

nharia têm as consultorias, ou seja, as Roland Berger da vida. Portanto, todos estão no mesmo barco e por isso é fundamental fazer o enfrentamento juntos. Nesse momento de grave crise é preciso a unidade de todos aqueles que ainda acreditam que o Sistema Eletrobras é um patrimônio da sociedade, um símbolo de um país capaz de garantir sua soberania e crescimento econômico. É absurdo querer colocar jogar a crise nas costas dos trabalhadores, enquanto a Eletrobras se retira do mercado, reduzindo investimentos e privatizando as distribuidoras. Os atuais e ex-gestores devem se manifestar. Dia a dia, seja na mídia, seja nas apresentações nas empresas controladas, estão sendo taxados de incompetentes pelo recém-chegado Presidente Wilson Pinto que não se cansa de afirmar sobre a ineficiência da Holding. Ele não merece uma resposta à altura? Que se mostre em números tudo que foi construído até aqui por seus trabalhadores de todas as áreas.

É hora de cada trabalhador do Sistema Eletrobras mostrar sua insatisfação com os rumos apontados pelo Presidente Pinto. Será que é este tipo de gestão, que aposta na privatização e nas terceirizações, que os trabalhadores do Sistema Eletrobras querem? Só existe um caminho: a mobilização e a disposição de luta de todos em defesa de um Sistema Eletrobras forte e estatal, indutor do crescimento e do desenvolvimento econômico de norte a sul do país.

O encaminhamento é para que sejam realizadas assembleias unificadas no dia 28 de novembro, todos os sindicatos devem se mobilizar para debater com suas bases e construir o caminho da luta contra o desmonte do Sistema Eletrobras. Lembre-se: só conquista quem luta!

Resistiremos!

A História e nem os trabalhadores perdoam os omissos e os traidores

Temos visto a movimentação de alguns gestores (Diretores e Gerentes) tentando negar a sua trajetória na Holding e nas Empresas do Sistema Eletrobras, dizendo "amém" a todos os atos do presidente Wilson Pinto. Eles não podem esquecer que nin-

guém confia em traidores, nem mesmo o presidente da Eletrobras, e que valores como honra, dignidade, amor próprio e profissionalismo são muito maiores que as gratificações que recebem.

Pensem Nisso

Os trabalhadores não elegeram os conselheiros para que os mesmos "negociem" seus mandatos em

nome de uma assessoria da Presidência. Estamos de olho!

A DESESTRUTURAÇÃO DA ELETROBRAS

As apresentações sobre a reestruturação do Sistema Eletrobras iniciaram, gerando um clima de preocupação e apreensão nas empresas. Wilson Pinto Ferreira Junior, ex-CPFL, que agora completou 117 dias como Presidente da maior empresa de energia elétrica da América Latina, trouxe consigo a missão de desfazer, pouco a pouco, a imagem da Eletrobras e de seus trabalhadores/as perante a sociedade.

Ao desembarcar na Eletrobras, gerou expectativa de novos rumos, novas metas e melhorias na gestão, mas, até o momento, só o que temos são declarações desastrosas na mídia, promessas de demissão, licitação rebaixada da CELG ainda em 2016, desestatização das demais distribuidoras em 2017, (re)contratação da Roland Berger sem licitação, e o assustador estímulo à divisão interna entre os trabalhadores/as.

Muita propaganda, pouca transparência interna, muitos boatos, poucas respostas. O clima organizacional é assustador; nos corredores, só se fala da existência de listas: “novos”, “velhos”, “maiores de 55”, “aposentáveis”, “pidáveis”, “exoneráveis”, “sem cargo”, “devolvíveis”, “requisitados”, “anistiados”, enfim, listas para todos os gostos. Os trabalhadores/as precisam reagir e se opor a essa tentativa de divisão e acreditar que a unidade é o único caminho que pode fazer frente às dificuldades.

Um verdadeiro líder agrega, busca a harmonia e o bem estar de toda a empresa e de seus liderados. Mas, ao contrário, o presidente Wilson prepara um choque de gestão às avessas, desengonçado e desagregador, com uma clara aposta no “salve-se quem puder”. A omissão dos demais Diretores da holding e de suas subsidiárias é espantosa, inclusive da Eletronorte. A diretoria colegiada passou a ser um “faz de conta”, uma claqué que só tem atuado para desqualificar o quadro de pessoal e destruir a memória técnica das empresas. Da mesma forma, as Diretorias das empresas subsidiárias atuam apenas concordando cegamente com as diretrizes que vêm da holding, sem defender suas particularidades.

Você sabia?

A licitação da CELG teve redução do seu valor mínimo. Espera-se facilitar a compra pelos agentes do mercado, inclusive os chineses compradores da CPFL.

A consultoria Roland Berger, velha conhecida da Eletrobras, foi contratada a um custo de mais de 9 milhões, **sem** a realização do devido processo licitatório.

O Decreto 8.893, de 1º de novembro de 2016, dispõe sobre os empreendimentos do Programa de Parcerias de Investimentos – PPI, que serão tratados como prioridade nacional nos setores de energia - dentre eles as 6 distribuidoras federalizadas do Sistema.

Um verdadeiro líder preza pelo diálogo, busca ouvir para traçar o rumo. Mas, parece que o presidente Wilson confunde humildade com submissão – não gosta muito de ser questionado em suas decisões, mesmo quando estas resultam em claro descumprimento de acordo coletivo. É o caso específico dessa reestruturação às avessas. Nosso ACT Nacional, em sua cláusula 41ª, prevê o debate das questões institucionais; especificamente no caso da Eletronorte, em sua cláusula 43ª, prevê que empresas e sindicatos buscarão equacionar os problemas institucionais. A Federação Nacional dos Urbanitários já solicitou reunião com a Diretoria da Eletrobras para tratar dessa reestruturação – o Sindinorte ratifica essa solicitação.

Sabemos que o setor elétrico é estratégico para o desenvolvimento e crescimento do país. Tanto é assim, que a Eletrobras sempre atuou como agente fomentador do Estado em cada canto deste país. Comparar a Eletrobras, e seu papel enquanto Estatal, a empresas privadas é, no mínimo, uma insensatez. A atuação da Eletrobras é diretamente responsável pela segurança nas fronteiras do país, por programas de uso eficiente e combate ao desperdício de energia (PROCEL), pelo programa Luz para Todos. A atuação de empresas privadas visa, única e exclusivamente, o lucro e a distribuição de dividendos aos acionistas. Dá para enxergar a diferença? É esse indicador que o presidente quer perseguir? Ou tudo não passa de uma preparação para a privatização da Eletrobras?

QUE DESESTRUTURAÇÃO É ESSA???

CSC

Centro de Serviços Compartilhados

A proposta é criar um centro para compartilhar as atividades administrativas e financeiras. A princípio, parece ser uma boa idéia. Mas, como seria esse compartilhamento? Quem está estudando essa implantação? Qual será o impacto sobre o trabalho das pessoas? A Eletronorte até que tentou fazer um centro de compras compartilhado, mas, por motivos práticos, inclusive dos mercados locais, teve que voltar atrás.

PCR e SGD

Em diversas oportunidades, o Presidente Wilson disse que não se pode confiar no SGD (que é unificado em todo o sistema), desmerecendo todo o trabalho realizado por uma equipe multidisciplinar, prata da casa, sem contratação de consultoria externa. A equipe foi até onde a gestão, à época, permitiu. Como todo processo, revisões são necessárias – no caso, até previstas no ACT – porém, a Direção da Holding nunca quis discutir isso. É muito desrespeito jogar por terra, dessa maneira, o trabalho desenvolvido seriamente por competentes equipes em todas as empresas. É necessário rever processos e atualizá-los, criar as especificações das funções, finalizar o quadro qualiquantitativo por empresa, definir regras mais objetivas ao SGD – esses são pleitos antigos das entidades sindicais. Qual a real intenção em desmerecer totalmente o trabalho realizado pela prata da casa? Será que já há alguma consultoria externa, em vista, para criar um novo PCR?

Trabalhadores/as requisitados/as

O presidente anunciou que encerrará todas as cessões de trabalhadores/as de outras empresas à holding, desconsiderando os prazos previstos no processo de cessão e a situação das famílias. Ao ser questionado, colocou que a cessão não findaria imediatamente, mas que o trabalhador teria um prazo dois meses para voltar à sua empresa de origem. Entretanto, caso a cessão seja encerrada antes da data prevista, os sindicatos entrarão com pedido de liminar para garantir que seja cumprido todo o prazo, dando maior tempo para que o trabalhador/a reequilibre sua vida.

Mobilidade interna

Ao resolver findar as cessões à Eletrobras, põe-se por terra a tão sonhada mobilidade entre as empresas. Para quem não se recorda, um dos atrativos do PCR unificado era exatamente a possibilidade de migrar de uma empresa para outra, inclusive sem custos adicionais para qualquer uma delas. Essa nova postura por parte da holding vai na contramão do que a própria empresa defendeu. Alterações na gestão não deveriam afetar as políticas internas, sob o risco da descontinuidade de processos importantes. Por que não converter as cessões em novas práticas de mobilidade?

Estabilidade e privatização da geração e transmissão

Quando questionado sobre o assunto de horas-extras, ficou claro que o presidente é contrário à estabilidade de emprego dos trabalhadores/as do Sistema. Ainda, gerou polêmica ao afirmar que, após a privatização das distribuidoras e as demissões nas empresas geradoras e transmissoras, caso estas não apresentem resultado promissor em dois anos, seus ativos também poderão ser privatizados, bem como as SPE's.

SPE's: em reunião com o Coletivo Nacional dos Eletricitários, foi dito que há a pretensão de venda das SPE's nas quais Furnas seja minoritária. Cogita-se a venda das ações de Belo Monte. Como será a tratativa para as SPE's da Eletronorte?

Não se dá cavalo de pau num transatlântico.

O bom capitão planeja a rota colhendo informações da tripulação.



Não vamos permitir que a Eletrobras naufrague.

Com unidade e competência, os eletricitários/as saberão driblar as adversidades.

VIRE ⇒

A DESESTRUTURAÇÃO DA ELETROBRAS II

A tão propalada apresentação do presidente da Holding, Wilson Pinto Ferreira Junior, sobre a reestruturação do Sistema Eletrobras, acompanhado de toda a Diretoria da Eletronorte, além do Diretor de Transmissão da Eletrobras, José Antônio Muniz (presidente da Eletronorte no governo FHC), mostrou-se uma peça de teatro, onde o ator principal pôde expor seu discurso padrão. O mesmo procedimento foi adotado em relação às intervenções da platéia: respostas prontas, perfeitamente adequadas à lógica de mercado, querendo jogar nas costas dos trabalhadores/as a responsabilidade pela situação das empresas.

A mensagem inicial do presidente foi muito clara: Eletrobras é ineficiente, não é competitiva, apresenta altos custos, quadro técnico envelhecido e quadro administrativo inchado. Para continuar sendo a grande empresa de energia que é, adequações são necessárias. Não trouxe nenhuma proposta de verdadeira inovação para a empresa. Num discurso conhecido e pobre, bateu numa tecla só: diminuir custos. Qualquer um já sabia como fazer isso: enxugando a estrutura organizacional, reduzindo cargos, incentivando demissões. Para tanto, será feita uma reestruturação de caixinhas, pretende implantar um Centro de Serviços Compartilhados, e será feito um Plano de Aposentadoria Incentivado e, posteriormente, um Plano de Incentivo a Demissão. Ou seja, todas as medidas propostas atacam apenas a rubrica de pessoal. Interessante é que a situação exposta pelo presidente é resultado de anos de gestão, da qual alguns dos atores estavam sentados à mesa e, nenhum deles ousou contestar - apenas assistiram calados às afirmações do presidente, que tem apenas 117 dias de casa.

Não se pode comparar a Eletrobras com empresas privadas, que visam apenas lucro. A Eletrobras possui função social e presta grande serviço ao País. Essa diferença conceitual é essencial para não colocar toda a conta da reestruturação apenas no "P".

O Sindinorte manifestou que não se pode comparar a Eletrobras com empresas privadas, que visam apenas lucro. Pois a Eletrobras presta grande serviço ao País, seja investindo em geração de grande quantidade de energia limpa e renovável, seja levando essa energia para as comunidades isoladas (pouco atrativas para o capital privado), seja vendendo energia por um preço suportável (contribuindo para a modicidade tarifária), verdadeiros e grandes motivos que levam o Sistema Eletrobras, na atual conjuntura, a fechar com sucessivos prejuízos em seu balanço. Essa diferença conceitual é essencial para se dar o devido tratamento ao processo de reestruturação da holding, não fazendo da redução do "P" uma panacéia.

Diante de uma pergunta direta se a Eletrobras será ou não privatizada, o presidente acabou admitindo que, apesar de seu objetivo ser a reestruturação da Empresa, se a meta de alcançar o perfil estabelecido pela ANEEL não for cumprida, venda de ativos e ações de G e T serão necessárias. A privatização das empresas distribuidoras, em sua visão, é fato consumado. A impotência que o presidente começa a admitir está baseada numa lógica covarde: não tendo coragem de fazer ver ao governo que é necessário reequilibrar a receita do Sistema Eletrobras (pois, pelo seu perfil estatal, nunca teve uma verdadeira amortização dos seus ativos de geração e transmissão), para se manter o fomento ao desenvolvimento do país, acabaremos por ver as empresas serem vendidas para operarem de modo perverso: deixando de investir na geração para provocar o

O ACT Nacional e Específico prevêm a previa discussão das questões estruturais com as entidades sindicais. Esperamos que a Eletronorte não dê um passo em falso, e cumpra o acordo, discutindo as medidas internas antes de aprová-la em reunião do Conselho.

aumento da demanda e, com base na velha lei de mercado, a elevação "justificada" da tarifa.

É muita ingenuidade acreditar que o prejuízo causado por todas essas condições que o Sistema Eletrobras é obrigado a assumir no atual marco regulatório caibam dentro de uma estratégia simplória de redução do seu quadro de pessoal. Atos de gestão impactaram muito mais as empresas, do que os custos de pessoal. Ainda assim, se ajustes devem ser feitos, que sejam feitos com a devida discussão com os trabalhadores e trabalhadoras. Nossos ACTs Nacional e específico possuem cláusulas que prevêm a prévia discussão das questões estruturais com as entidades sindicais; da mesma forma, há a previsão de discussão para revisão do PCR e SGD. Quando questionado se cumpriria o ACT nessas cláusulas, o presidente da holding não respondeu - apenas colocou que está aberto a contribuições, mas que a reestruturação não é um processo democrático.

INTERINDICAL NORTE SINDINORTE

STIU-DF * STIU-AC * STIU-AP * STIU-AM * STIU-MA * STIU-MT * STIU-PA * SINDUR-RO * STIU-RR * STEET-TO * SINERGIA-SP

Outro ponto sem resposta foi a questão da contratação da consultoria Roland Berger para fazer o que ela já fez em algumas empresas, e não deu certo. Ora, se não deu certo, por que insistir no erro? E pior, com dispensa de licitação. Por que não valorizar a prata da casa? O presidente se limitou a dizer que não podemos achar que apenas nós sabemos como fazer, e voltou com a ladainha dos custos e da venda de ativos. As únicas perguntas que tiveram resposta objetiva foram com relação ao PAI: não haverá prorrogação de prazo para adesão, pois dois meses é tempo suficiente. Caso a meta não seja cumprida, o que acontecerá com aquelas pessoas que são elegíveis? A empresa venderá seus ativos para cobrir os custos com pessoal, mesmo que isso mate a galinha dos ovos de ouro. Mais uma vez, Wilson Ferreira jogou a responsabilidade nas costas dos trabalhadores/as e deixou em aberto a privatização da geração e transmissão.

Ao fim, o que vemos é que essa reestruturação que está sendo proposta não resolverá os problemas. Deveriam os Diretores, indicados políticos de parlamentares e partidos, usar as costas largas que os sustentam em suas cadeiras para buscar capitalizar a Eletrobras e fortalecê-la enquanto empresa estatal. O clima de tensão que deveria ser dissipado por quem está conduzindo o navio, não foi dissipado, pelo contrário, o caminho aos trabalhadores e trabalhadoras parece mais nebuloso.

FAÇAM JUS À SEUS CARGOS

A homenagem de iniciativa de alguns trabalhadores da Eletronorte, ao ex-presidente da Eletronorte e Eletrobras Jose Antonio Muniz Lopes foi uma surpresa para todos e todas. Apesar de ter tomado tempo da apresentação, trouxe à tona a contradição das visões de gestão. Em sua época, Muniz, homem de governo que inicialmente tinha a incumbência de privatizar a Eletronorte, após a crise energética vivida pelo País, passou a trabalhar pelo fortalecimento e pela solução dos problemas estruturais da nossa empresa. Agora, Wilson Pinto, está trabalhando para privatizar a Eletrobras. Num primeiro momento a distribuição e não descartou, futuramente, a possibilidade de privatizar a geração e transmissão. Se no passado houve o entendimento da função social das empresas estatais, esse reconhecimento deve ser visto no presente. Querer imputar exclusivamente aos trabalhadores/as todas as mazelas decorrentes de nossa atuação social é um equívoco.

Esperamos que a homenagem prestada sirva para reflexão. Não apenas do Muniz, mas principalmente da Diretoria da Eletronorte que assistiu às críticas feitas sem fazer nenhuma intervenção. Diretores, os senhores estão em seus cargos indicados por parlamentares que integram o governo e partidos políticos aliados. Portanto, tem a obrigação de defender as empresas nas quais estão. Defesa esta que passa por buscar novamente, solucionar os problemas estruturais vividos pela holding e suas subsidiárias neste ambiente em que se busca dissociar o papel social e a garantia de energia que nossas empresas oferecem à sociedade. Ou seja, defender junto ao governo a solução pelo fortalecimento do papel do Estado, acionista majoritário, e não nas costas dos trabalhadores/as. Não podemos esquecer que a energia é fator de desenvolvimento e o controle do Estado sobre a energia é esta garantia. Ou queremos reviver a crise energética e o caos do apagão de 2001? Assim, façam jus a seus cargos e defendam junto ao governo a recuperação e o fortalecimento da holding Eletrobras e todas as suas empresas, em especial a Eletronorte, que possui CGC próprio.

A limitação de tempo para questionamentos imposta pelo presidente Wilson Pinto já era esperada, assim foi na Eletrobras e em Furnas. Essa estratégia de evitar o diálogo em uma atividade dessa importância denota o perfil da nova gestão. Não obstante, as questões que não foram respondidas e os pontos que não puderam ser colocados pelo cerceamento da palavra serão objeto de ofício para o presidente da Eletrobras por parte do Sindinorte.

Aproveitando o discurso da transparência e da necessidade dos trabalhadores e trabalhadoras saberem a real situação da empresa, o Sindinorte solicita que a Diretoria da Eletronorte chame novamente seu quadro técnico ao auditório e apresente os dados reais da nossa empresa. Quais as projeções para os próximos anos. Quais as medidas de gestão que estão sendo pensadas para a renovação de Tucuruí e a consequente queda de receita. Como a empresa pretende adequar-se à orientação da holding.

Com a palavra a Diretoria da Eletronorte.